



## **PAIS EM AÇÃO: ESTILOS PARENTAIS, HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES**

**Camila Cabral Ritter**

Brasil - Rio Grande do Sul - São Leopoldo - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**Letícia Ferraz Neis**

Brasil - Rio Grande do Sul - São Leopoldo - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**Denise Falcke**

Brasil - Rio Grande do Sul - São Leopoldo - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Recebido em: 13/04/21

Aceito em: 04/03/26

### **RESUMO**

A literatura evidencia a repercussão da relação entre pais e filhos para o desenvolvimento dos filhos. Neste escopo, objetivou-se investigar a relação entre estilos parentais, habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes. Para além da identificação dessa possível relação, pretendeu-se comparar os grupos conforme a percepção dos adolescentes sobre os estilos parentais (negligente, indulgente, autoritário e autoritativo) com relação às habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes apresentados pelos mesmos, assim como verificar diferenças relacionadas ao gênero dos adolescentes. Participaram 202 adolescentes matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Esteio/RS. Como instrumentos, foram utilizados um questionário de dados sociodemográficos, as Escalas de Responsividade e Exigência, a Escala Matson de Avaliação de Habilidades Sociais para Jovens (MESSY) e o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR). Houve correlação significativa entre os estilos parentais com as habilidades sociais e com os sintomas internalizantes e externalizantes. As meninas

apresentaram maior nível de habilidades sociais do que os meninos. O estilo parental preponderante foi o negligente (37,1%), seguido pelo autoritativo (35,1%), autoritário (14,4%) e, por último, indulgente (13,4%). Maiores índices de habilidades sociais e menores de sintomas foram encontrados no estilo parental autoritativo, que caracteriza-se como o mais assertivo, combinando adequadamente as dimensões de afeto e limite. Esse estudo comprova a importância de se ter um olhar atento aos pais/cuidadores, uma vez que os estilos adotados pelos mesmos repercutem sobre o comportamento dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Estilos Parentais. Habilidades Sociais. Sintomas Internalizantes. Sintomas Externalizantes.

## **PARENTS IN ACTION: PARENTING STYLES, SOCIAL SKILLS AND BEHAVIORAL PROBLEMS IN ADOLESCENTS**

### **ABSTRACT**

The literature highlights the repercussions of the relationship between parents and children for the development of children. In this scope, the objective was to investigate the relationship between parenting styles, social skills and internalizing and externalizing symptoms. In addition to identifying this possible relationship, it was intended to compare the groups according to the adolescents perception of parenting styles (negligent, indulgent, authoritarian and authoritative) with respect to social skills and internalizing and externalizing symptoms presented by them, as well as verifying differences related to the gender of adolescents. 202 adolescents enrolled in the final grades of elementary and high school from two public schools in the municipality of Esteio / RS participated. As instruments, a questionnaire of sociodemographic data, the Responsiveness and Demandingness Scales, the Matson Evaluation of Social Skills With Youngsters (MESSY) and the Youth Self-Report (YSR) were used. There was a significant correlation between parenting styles with social skills and with internalizing and externalizing symptoms. Girls had a higher level of social skills than boys. The predominant parenting style was negligent (37.1%), followed by authoritative (35.1%), authoritarian (14.4%) and, finally, indulgent (13.4%). Higher levels of social skills and lower

symptoms were found in the authoritative parenting style, which is characterized as the most assertive, adequately combining the dimensions of affection and limit. This study proves the importance of having a close look at parents/caregivers, since the styles adopted by them have an impact on the behavior of adolescents.

**Key-words:** Parenting Styles. Social Skills. Internalizing Symptoms. Externalizing Symptoms.

## **PADRES EN ACCIÓN: ESTILOS DE PADRES, HABILIDADES SOCIALES Y PROBLEMAS DE COMPORTAMIENTO EN ADOLESCENTES**

### **RESUMÉN**

La literatura destaca las repercusiones de la relación entre padres e hijos para el desarrollo de los niños. El objetivo era investigar la relación entre los estilos parentales, las habilidades sociales y los síntomas de internalización y externalización. Además, se pretendía comparar los grupos de acuerdo con la percepción de los adolescentes sobre los estilos parentales (negligentes, indulgentes, autoritarios y autoritativos) con respecto a las habilidades sociales y los síntomas de internalización y externalización presentados por ellos, así como verificar las diferencias relacionado con el género de los adolescentes. Participaron 202 adolescentes matriculados en los grados finales de primaria y secundaria de dos escuelas públicas de Esteio/RS. Se utilizaron un cuestionario de datos sociodemográficos, las Escalas de Receptividad y Requisitos, la Escala de Evaluación de Habilidades Sociales de Matson para Jóvenes (MESSY) y el Inventario de Autoevaluación de Adolescentes (YSR). Hubo una correlación significativa entre los estilos parentales con las habilidades sociales y con los síntomas de internalización y externalización. Las niñas tenían un mayor nivel de habilidades sociales que los niños. El estilo parental predominante fue negligente (37.1%), seguido de autoritativo (35.1%), autoritario (14.4%) y, finalmente, indulgente (13.4%). Se encontraron niveles más altos de habilidades sociales y síntomas más bajos en el estilo parental autoritativo, que se caracteriza por ser el más asertivo, combinando adecuadamente las dimensiones de afecto y límite. Este estudio demuestra la importancia de observar de cerca a

los padres/cuidadores, ya que los estilos adoptados por ellos tienen un impacto en el comportamiento de los adolescentes.

**Palabras-clave:** Estilos Parentales. Habilidades Sociales. Síntomas de Internalización. Síntomas de Externalización.

## INTRODUÇÃO

A relação entre pais e filhos tem importância significativa no desenvolvimento infantil, podendo também influenciar no repertório de habilidades sociais dos adolescentes, bem como no surgimento de problemas emocionais e comportamentais. (Maia; Soares, 2022; Sousa; Lohr-Tacla, 2015). Segundo Gomide (2011), as práticas parentais podem favorecer o desenvolvimento de determinados comportamentos pró ou antissociais dos filhos. Baumrind (1966) já direcionava seus estudos para os estilos educativos dos pais, entendendo que a internalização dos padrões parentais repercute no desenvolvimento do comportamento e individualidade dos filhos na vida adulta. Os estilos parentais, portanto, referem-se ao “[...] conjunto de práticas educativas parentais ou de atitudes parentais utilizadas pelos cuidadores com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos”. (Gomide, 2011, p. 7).

As pesquisas também apontam que a forma como os pais criam seus filhos tem influência no desenvolvimento social dos mesmos, como por exemplo, famílias que adotam estilos parentais pouco afetivos, em que há excesso de regras ou limites ou, pelo contrário, em que não há regras ou limites, podem aumentar os riscos dos filhos serem vítimas de *bullying*. (Pinheiro, 2017; Santos *et al.*, 2025). A forma como os pais criam seus filhos também pode repercutir na presença de sintomas internalizantes e externalizantes (Heinen *et al.*, 2025; Tozze; Bolsoni-Silva, 2017; Rovaris; Bolsoni-Silva, 2020), e são descritos por Achenbach (1979) como prejudiciais ao desenvolvimento, sendo que tais sintomas podem se manifestar de forma direcionada aos outros (externalizantes) ou a si mesmo (internalizantes).

Entende-se, nesse sentido, que os estilos parentais adotados pelas famílias podem afetar o comportamento dos filhos frente às situações de convívio social, em especial na adolescência,

que é uma fase de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, em que os adolescentes encontram-se na transição da infância para a vida adulta. (Martins; Silva, 2025). Nesta fase, segundo Fogaça et al. (2019), os mesmos modificam sua relação com os pais e são exigidos em diferentes contextos para que apresentem um repertório mais elaborado de comportamentos sociais.

A partir de tais considerações, este estudo pretende investigar a relação entre os estilos parentais, as habilidades sociais e os sintomas internalizantes e externalizantes de adolescentes matriculados no Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública do município de Esteio/RS. Para além da identificação dessa possível relação, pretende-se comparar os grupos dos estilos parentais (autoritário, autoritativo, negligente e indulgente) com relação às habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes apresentados pelos adolescentes, assim como verificar diferenças relacionadas ao gênero dos adolescentes.

### **Relação pais e filhos**

A relação entre pais e filhos traz diferentes concepções sobre qual a melhor forma de educar, principalmente no que diz respeito às marcas que essa educação pode deixar no desenvolvimento dos filhos. Assim, os pais buscam guiar os comportamentos dos filhos de forma com que esses sigam determinados princípios morais e apresentem comportamentos que possam desenvolver autonomia e responsabilidade. É também tarefa da família que o processo de socialização seja introduzido para contextos mais amplos. (Teodoro; Baptista, 2020).

Desta forma, a adolescência, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), corresponde ao período compreendido entre os doze e dezoito anos de idade e caracteriza-se por uma fase de diferentes transformações (físicas, cognitivas, neuroquímicas, emocionais e comportamentais), em que os adolescentes encontram-se mais suscetíveis a sintomas internalizantes ou externalizantes, como também necessitam de um repertório de habilidades sociais mais elaborado para que consigam relacionar-se com seus pares e com os adultos. (Maia; Soares, 2022). Sendo assim, é relevante avaliar os estilos parentais e como estes podem repercutir no desenvolvimento dos filhos.

## Estilos Parentais

Baumrind (1966) identificou três diferentes estilos parentais com base nas dimensões de afeto e controle, definindo-os como: permissivo, autoritário e autoritativo. O estilo permissivo apresenta baixos níveis de controle por parte dos pais, em que os filhos tendem a regular suas atividades, pois os pais não os encorajam a obedecer a determinados padrões. Já os pais que adotam um estilo autoritário costumam moldar e controlar o comportamento dos filhos através de um padrão estabelecido de condutas, costumando ser menos afetivos do que os outros. Por fim, há o estilo autoritativo, que, segundo a autora, é o que os pais conseguem reforçar sua perspectiva como adultos, mas também reconhecem as necessidades, interesses e opiniões dos filhos. O estilo autoritativo, seria, portanto, o que contribui para um desenvolvimento mais saudável tanto cognitiva, como emocional e socialmente. (Baumrind, 1966; Heinen *et al.*, 2025).

Maccoby e Martin (1983) propuseram uma reformulação na tipologia de Baumrind (1966), desmembrando o estilo permissivo em dois: indulgente e negligente. Os pais que adotam o estilo negligente são aqueles que não conseguem impor limites e também não demonstram afeto, pouco se envolvendo na criação dos filhos. Já os pais indulgentes, apesar de serem afetivos com seus filhos, não impõem limites aos mesmos. (Ribeiro; Ferraz, 2023).

Os termos responsividade e exigência são utilizados em diferentes estudos como referência às dimensões de afeto e controle. Sendo assim, a dimensão exigência, segundo Maccoby e Martin (1983) diz respeito às atitudes dos pais, que impõem regras ou limites como forma de controlar o comportamento dos filhos. Já a dimensão responsividade refere-se à forma como os pais favorecem que os filhos desenvolvam autonomia e segurança, que é através de atitudes de compreensão, apoio emocional e uma comunicação que não seja apenas de uma via, mas que esteja aberta a escutar os filhos. (Ribeiro; Ferraz, 2023). Desta forma, de acordo com os estilos propostos por Baumrind (1966) e ampliados por Maccoby e Martin (1983), pais autoritários apresentam alta exigência e baixa responsividade; pais indulgentes são responsivos, mas apresentam baixa exigência; pais negligentes não são exigentes, nem responsivos, já os pais autoritativos são exigentes e responsivos, fazendo com que haja um equilíbrio.

Os estilos parentais são, portanto, formados pelas atitudes educativas que os pais utilizam ao interagirem com os filhos e que evidenciam um padrão educativo, tais atitudes irão combinar diferentes métodos, variando conforme a circunstância. (Gomide *et al.*, 2005; Reppold *et al.*, 2002). A partir das considerações a respeito dos estilos parentais, ainda que os mesmos possam não influenciar diretamente em determinados aspectos, entende-se que os filhos se tornarão mais confiantes e orientados ao futuro de uma forma positiva a partir da maior autonomia, exigência e apoio fornecidos pelos pais. (Reppold *et al.*, 2002).

### **Habilidades Sociais**

O conceito de habilidades sociais vem sendo amplamente discutido. Uma das definições mais antigas do termo, encontrada em Caballo (2003), é a de Libet e Lewinsohn (1973), em que o comportamento socialmente habilidoso é visto através dos comportamentos que são reforçados ou punidos/extintos pelos outros, denotando a capacidade do indivíduo em emití-los. Já Ladd e Mize (1983) ampliaram o conceito, definindo as habilidades sociais a partir da habilidade com que o indivíduo organiza suas cognições e comportamentos, considerando seus objetivos e realizando suas ações de forma coerente e socialmente aceita. Caballo (1995), referiu-se ao termo como o conjunto de desempenhos do indivíduo frente às situações interpessoais, considerando que os padrões de comunicação variam até mesmo dentro de uma mesma cultura, pois há fatores como idade, gênero, condição social e educação.

Anos mais tarde, Del Prette, Z. e Del Prette, A. (2001) apresentaram as habilidades sociais como sendo os diferentes tipos de comportamentos sociais que são utilizados para lidar com alguma situação interpessoal, fazendo parte do repertório do indivíduo. Os mesmos autores também reiteraram a diferença existente entre as habilidades sociais e os conceitos de desempenho social e competência social. O desempenho social, por exemplo, refere-se aos comportamentos emitidos nas situações sociais, nas relações entre as pessoas, já a competência social diz respeito aos efeitos do desempenho social nessas situações, em que há um sentido avaliativo. (Del Prette, Z.; Del Prette, A., 2001).

Para Falcone (2002), ter habilidades sociais refere-se a busca por constante contentamento pessoal, sem deixar que a qualidade das interações seja descuidada. Essas habilidades, segundo a autora, podem incluir diferentes ações, como por exemplo a capacidade de conversação, realização e resposta a pedidos, assim como a críticas e elogios. Além disso, são destacados outros aspectos das habilidades sociais, para além das de conteúdo da fala acima citados, tais como os aspectos comportamentais não verbais (contato visual, postura corporal, expressão facial, etc.), aspectos cognitivo-afetivos (autoconhecimento, valores pessoais, resolução de problemas, etc.), aspectos fisiológicos (respiração, fluxo sanguíneo, etc.), atratividade física e aparência pessoal. (Del Prette, Z.; Del Prette, A., 1999).

Considerando esses aspectos, entende-se que o estilo parental, as crenças e os valores, bem como os padrões de recompensa e punição, podem impactar no desenvolvimento das habilidades sociais (Maia; Soares, 2022). Corroborando com tais apontamentos, a pesquisa de Pacheco, Teixeira e Gomes (1999), realizada com 193 adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre/RS, encontrou associação significativa entre o estilo parental autoritário e filhos preocupados e inseguros com relação ao seu desempenho. Outra pesquisa realizada com 13 pais e 22 mães de uma escola pública no interior de São Paulo/SP, também verificou que os pais que são mais envolvidos no cuidado com os filhos e que se comunicam de forma mais frequente, são os que apresentaram maior repertório de habilidades sociais. Logo, o repertório de habilidades sociais dos filhos tende a ser melhor (Cia; Pamplin; Del Prette, Z., 2006; Santos; Wachelke, 2019).

Em contrapartida, o estudo de Sousa e Löhr-Tacla (2015), sobre habilidades sociais e estilos parentais com crianças de 10 a 13 anos de uma escola pública de Curitiba, indicou que 100% da amostra apresentou um repertório adequado de habilidades sociais, sendo que 43% dos pais apresentaram práticas parentais negativas, revelando que não há correlação entre tais variáveis. Neste caso, as autoras entenderam que o fato de não haver correlação diz respeito à importância do contexto social como um todo e não somente do ambiente familiar (Sousa; Löhr-Tacla, 2015).

Para Caballo (2003), embora não exista uma maneira universal de se comportar, uma vez que isso dependerá do contexto em que a pessoa está inserida, bem como da situação em questão, entende-se que as habilidades sociais são aprendidas e podem ser compreendidas como os

comportamentos que o indivíduo apresenta frente ao que as situações sociais lhe demandam (Del Prette, Z.; Del Prette, A., 1999). Os pais, além de servirem como modelos comportamentais aos filhos, também utilizam diversas regras a fim de punir ou recompensar os mesmos devido à sua adequação ou desvio aos padrões estabelecidos (Del Prette, Z.; Del Prette, A., 1999). Desta forma, segundo Caballo (1987), os pais vão modelando a conduta social dos filhos e, quando adolescentes, espera-se que os mesmos desenvolvam determinadas competências. (Fogaça *et al.*, 2019). Todavia, em muitos casos, podem haver dificuldades nesse processo que se expressam como problemas comportamentais e emocionais.

### **Problemas Comportamentais e Emocionais**

A adolescência, conforme esclarecem Hankin et al. (2018), caracteriza-se por um período de vulnerabilidade cognitiva que propicia o surgimento de problemas emocionais e comportamentais, os quais são caracterizados por Achenbach e Howell (1993) como padrões sintomáticos que são divididos em comportamentos externalizantes e internalizantes e considerados prejudiciais ao desenvolvimento. Os sintomas externalizantes referem-se a comportamentos relacionados ao outro, tais como agressividade, desobediência, hiperatividade e delinquência. Já os sintomas internalizantes são direcionados ao próprio indivíduo, como por exemplo, ansiedade, depressão, queixas somáticas (vômitos, náusea, dores de cabeça) e timidez. (Achenbach, 1979). Del Prette, Z., e Del Prette, A. (2005) entendem que tais problemas ocorrem devido ao baixo repertório de habilidades sociais (empatia, resolução de problemas, expressão de sentimentos), que podem levar a consequências prejudiciais ao desenvolvimento, uma vez que alguns transtornos psicológicos podem se apresentar tanto devido a problemas internalizantes, quanto externalizantes. Segundo Carvalho (2007), os problemas emocionais e comportamentais são explicados por diferentes abordagens teóricas, afirmando a influência de fatores individuais, cognitivos, familiares e ambientais. Dentre esses, destaca-se o fator familiar, visto que a família pode contribuir para o surgimento de problemas emocionais e comportamentais, em que pode haver influência da psicopatologia parental, bem como de padrões de vinculação (Ribeiro; Ferraz, 2022).

Neste sentido, encontrou-se associação entre as práticas parentais e a manifestação de sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos, uma vez que a responsividade, por exemplo, está significativamente relacionada a ambos os comportamentos. (Candeias, 2013; Rovaris; Bolsoni-Silva, 2020). A pesquisa de Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009), realizada em uma universidade do estado de São Paulo, com 59 pais, mães e cuidadores, também apresentou tais resultados, apontando para os comportamentos emitidos pelos pais, que servem de modelo aos filhos. Desta forma, comportamentos externalizantes dos filhos, tais como agressividade e birra, podem estar relacionados à forma como os pais se relacionam com seus filhos (Bolsoni-Silva; Paiva; Barbosa, 2009; Pires Et Al., 2019).

A pesquisa de Teodoro et al. (2014), que utilizou o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR), realizada com 187 adolescentes de escolas públicas do Rio Grande do Sul, verificou que o baixo apoio e coesão, bem como altos níveis de conflito familiar estão relacionados de forma positiva a sintomas internalizantes e externalizantes mais intensos. No que diz respeito ao gênero, na pesquisa de validação do YSR para o Brasil, os meninos apresentaram maiores índices de externalização (violação de regras e problemas de conduta), enquanto as meninas evidenciaram mais problemas de internalização do que os meninos, apesar de não apresentarem resultados dentro da faixa clínica. (Rocha, 2012). Ainda, as meninas, mais do que os meninos, apresentam comportamentos socialmente desejáveis. (Rocha, 2012). Já a pesquisa de Oliveira-Monteiro (2012), utilizando o YSR com 50 adolescentes de uma escola pública de uma cidade da Baixada Santista (SP), indicou que os meninos apresentam mais comportamentos problemáticos relacionados ao desenvolvimento, que incluem o estresse e comportamentos internalizantes (transtornos de ansiedade e estresse pós-traumático).

Em famílias conflituosas, as gerações mais novas acabam não sendo socializadas em um ambiente familiar que propicie proteção, sendo precocemente impelidas à vida social. Desta forma, esses adolescentes evidenciam comportamentos antissociais de internalização ou externalização (Costa, 2011; Pires *et al.*, 2019). No estudo de Marin *et al.* (2012), que contou com a participação de 48 mães e 33 pais de crianças de seis anos de idade do município de Porto Alegre, os problemas de externalização dos filhos foram percebidos pelas mães que

fizeram maior uso de práticas coercitivas, já os problemas de internalização estavam associados às práticas coercitivas usadas pelos pais.

Corroborando com essa perspectiva, os achados de Alvarenga e Piccinini (2007), em estudo realizado na cidade de Porto Alegre com 23 díades (mãe-criança), não demonstraram associação significativa entre o temperamento e a responsividade materna com o comportamento infantil, no entanto, a pesquisa verificou que práticas facilitadoras são significativas no que diz respeito à competência social, já as práticas não-facilitadoras indicam o surgimento de problemas de externalização dos filhos. Desta forma, crianças sem problemas de comportamento parecem estar inseridas em um ambiente em que há mais apoio, no qual os pais se apresentam como mais proativos, disponíveis e preocupados com a segurança dos filhos. (Rovaris; Bolsoni-Silva, 2020; Heinen *et al.*, 2025).

Os dados apresentados evidenciam estudos que revelam associações entre estilos parentais e habilidades sociais e também entre estilos parentais e problemas emocionais e de comportamento, mas não avaliaram as interações entre essas três variáveis em conjunto. A partir disso, o presente estudo concentra-se em investigar a relação entre estilos parentais, habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes de adolescentes. Além da identificação dessa possível relação, busca-se comparar os grupos de diferentes estilos parentais (negligente, indulgente, autoritário e autoritativo) com relação às habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes apresentados pelos mesmos, assim como verificar diferenças relacionadas ao gênero dos adolescentes. Com isso, será possível contribuir para a discussão acerca dos estilos parentais, bem como identificar o repertório de habilidades sociais e os possíveis problemas comportamentais e emocionais dos adolescentes pesquisados.

## **MÉTODO**

### **Delineamento**

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo, transversal, correlacional e comparativo. O delineamento correlacional se propõe a medir o grau de relação existente entre duas ou mais variáveis (neste caso, estilos parentais, habilidades sociais e problemas emocionais e de

comportamento), sendo útil para saber como uma variável se comporta com relação às outras variáveis (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). O delineamento comparativo visa verificar diferenças entre grupos (diferentes estilos parentais: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente), com relação a uma ou a um conjunto de variáveis (habilidades sociais e problemas comportamentais e emocionais).

Participaram desse estudo 202 adolescentes entre 12 e 18 anos de idade ( $M= 14,76$ ;  $DP= 1,805$ ) matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º ano) e no Ensino Médio de duas escolas públicas do município de Esteio/RS, que foram selecionadas por critério de conveniência. Desses, 60,4% ( $n=122$ ) adolescentes eram do gênero feminino e 39,6% ( $n=80$ ) do gênero masculino. A Tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográfica da amostra.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra.

Característica	Detalhamento	N	%
Escolaridade	Ensino Fundamental	111	54,9
	Ensino Médio	91	45,1
Familiares que residem com o adolescente	Mãe	179	88,6
	Pai	106	52,5
	Avós	25	12,3
	Padrasto	26	12,9
	Madrasta	2	1,0
	Outros (tios, primos...)	12	5,9
Situação conjugal dos pais	Casados/vivem juntos	100	49,8
	Separados/divorciados	81	40,3
	Viúvos	10	5,0
	Nunca viveram juntos	10	5,0
Escolaridade da mãe	Ensino Fundamental	54	28,2
	Ensino Médio	94	48,9
	Ensino Técnico	17	8,9
	Ensino Superior	27	14,0
Escolaridade do pai	Ensino Fundamental	69	39,2
	Ensino Médio	71	40,4
	Ensino Técnico	18	10,2
	Ensino Superior	18	10,2

Fonte: Elaborada pelas autoras.

## **Instrumentos**

Primeiramente, elaborou-se um questionário de dados sociodemográficos para coletar informações sobre os adolescentes (idade, gênero, com quem residem, série) e de seus pais/cuidadores (estado civil, nível de escolaridade), objetivando caracterizar a amostra. Para avaliar os estilos parentais, utilizou-se as Escalas de Responsividade e Exigência de Lamborn et al. (1991), respondidos pelos adolescentes referente à figura parental de referência. Tratam-se de duas escalas utilizadas para avaliar as dimensões de responsividade e exigência de mães e pais na perspectiva dos filhos adolescentes, em que é possível identificar os quatro estilos parentais já mencionados: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente (Costa; Teixeira; Gomes, 2000). Esse instrumento foi adaptado para o Brasil por Costa, Teixeira e Gomes (2000), a partir do estudo norte-americano realizado por Lamborn et al. (1991) e, posteriormente, refinado por Teixeira, Bardagi e Gomes (2004). Essa última versão, utilizada na presente pesquisa, é composta por 24 itens, 12 referentes à exigência (12 primeiros itens, ex.: sabe onde eu vou quando saio de casa) e outros 12 que dizem respeito à responsividade (12 últimos itens, ex.: se interessa em saber como eu ando me sentindo). Esses itens são respondidos através de uma escala tipo Likert de 5 pontos (quase nunca ou bem pouco até geralmente ou bastante). Os resultados da validação apresentaram índices de alpha de Cronbach entre 0,78 e 0,92, que demonstram excelente consistência interna (Teixeira; Bardagi; Gomes, 2004).

A Escala Matson de Avaliação de Habilidades Sociais para Jovens - MESSY (Matson Evaluation of Social Skills With Youngsters - Matson, Rotatori e Helsel, 1983) foi utilizada para mensurar as habilidades sociais dos adolescentes. Trata-se de uma escala para avaliar habilidades sociais que foi desenvolvida originalmente nos Estados Unidos por Matson, Rotatori e Helsel (1983) e posteriormente adaptada para diversos países. No Brasil, a MESSY foi traduzida, adaptada e validada para crianças e adolescentes através de um estudo realizado por Teodoro *et al.* (2005). A escala apresenta 62 itens afirmativos que avaliam situações interpessoais a partir de uma escala tipo Likert de 5 pontos (não corresponde a corresponde totalmente), sendo estes itens divididos em 4 fatores, conforme apontado pelos resultados da análise fatorial exploratória: agressividade/comportamento antissocial,

habilidades sociais/assertividade, vaidade/arrogância e solidão/ansiedade social. No estudo de Teodoro *et al.* (2005), a consistência interna (alpha de Cronbach) da escala foi de 0,85. A versão utilizada no presente estudo foi adaptada por Gomes Neto (2012) para contemplar exclusivamente o público adolescente.

A análise de consistência interna da escala, realizada por Gomes Neto (2012) a partir da análise fatorial exploratória, apresentou valor total semelhante ao encontrado por Teodoro *et al.* (2005), sendo este 0,82. No presente estudo, foi considerada somente a subescala Habilidades Sociais/Assertividade, a saber, itens 1, 9, 12, 13, 16, 20, 24, 27, 28, 31, 32, 34, 37, 40, 43, 44, 47, 50, 55 e 56.

Por fim, utilizou-se o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes - Youth Self-Report (YSR), de Achenbach e Rescorla (2001 apud Rocha, 2012). Este inventário foi desenvolvido pelo Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA) e tem por objetivo obter informações de adolescentes de 11 a 18 anos a partir de sua própria percepção sobre seus comportamentos. Foi elaborado na sua terceira versão por Achenbach e Rescorla (2001) em contexto norte-americano e validado no Brasil por Rocha (2012), em um estudo que contou com a participação de 3.376 adolescentes de 4 regiões do Brasil, (540 participantes encaminhados para serviços de saúde mental e outros 2.836 que faziam parte do grupo *não encaminhado*) (Rocha, 2012).

O inventário pode ser dividido em duas partes, sendo a primeira destinada a avaliar as competências dos adolescentes. Já a segunda parte, utilizada no presente estudo, é composta por itens referentes a problemas comportamentais/emocionais (Ex.: desobedeço meus pais; ajo sem pensar), como também por itens que avaliam os aspectos positivos (Ex.: gosto de ajudar os outros; sou bastante honesto(a)) (Rocha, 2012). Os itens são preenchidos através de uma escala tipo Likert de três pontos (não é verdadeira a muito verdadeira ou frequentemente verdadeira). Com a avaliação de tais itens, é possível obter o perfil dos adolescentes a partir de oito escalas-síndromes que foram apuradas por Rocha (2012) em contexto brasileiro, confirmando as escalas já propostas por Achenbach e Rescorla (2001): Ansiedade/Depressão, Retraimento/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas de Sociabilidade, Problemas de Atenção, Problemas com o Pensamento, Violação de Regras e Comportamento Agressivo. Esses problemas comportamentais são reunidos em três índices gerais: Escala de

Internalização, Escala de Externalização e Escala Total de Problemas Emocionais/Comportamentais (Rocha, 2012).

O escore da escala é dividido em três faixas: normal (não há necessidade de suporte específico), clínica (indica necessidade de ajuda profissional) e limítrofe (causa preocupação, porém não é uma pontuação tão alta quanto a faixa clínica). Utilizou-se os mesmos procedimentos adotados por Binsfeld (2011), que definiu o ponto de corte no percentil 75 para os casos limítrofes e percentil 90 para os clínicos, indicando incluir a faixa limítrofe com a clínica, assim como realizado por Melo e Silveiras (2003). Os valores do alfa de Cronbach para as escalas de problemas emocionais/comportamentais foram de 0,92 e 0,93 respectivamente, para os diferentes grupos pesquisados (clínicos e não clínicos) e a escala de aspectos positivos foi de 0,74 para ambos os grupos (Rocha, 2012).

### **Procedimentos éticos**

Essa pesquisa se pauta nas regulamentações éticas indicadas na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que considera a ética na pesquisa com seres humanos, respeitando a dignidade e a ação consciente e livre dos participantes. A pesquisa só foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos (Parecer 2.563.445).

Quanto aos adolescentes, os mesmos só puderam participar da pesquisa mediante consentimento dos pais/responsáveis, que estavam cientes da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além do próprio assentimento do adolescente no mesmo termo. Neste termo, estava descrito os objetivos da pesquisa, sendo os participantes informados a respeito da participação voluntária, bem como da possibilidade de desistência a qualquer momento, sem que isso lhes prejudicasse. A pesquisa previa riscos mínimos, como algum desconforto ao responder determinada questão, porém se caso algum participante se sentisse mobilizado, o mesmo seria acolhido e, caso necessário, encaminhado para algum serviço de acompanhamento psicológico da rede de saúde do município, o que não aconteceu. Os resultados gerais serão devolvidos à instituição, bem como aos pais, em encontro previamente marcado com todos.

## **Procedimentos para coleta de dados**

As turmas de Ensino Médio e séries finais do Ensino Fundamental das escolas participantes foram selecionadas de acordo com a disponibilidade do professor naquele período, que foi previamente combinado. A pesquisadora explicou aos alunos os objetivos da pesquisa e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os pais/responsáveis dos adolescentes interessados pudessem consentir. Após a autorização dos responsáveis e assentimento dos estudantes no mesmo termo, em dia e horário previamente agendados, os questionários começaram a ser aplicados. A aplicação dos instrumentos se deu no mesmo encontro, de forma coletiva, com a duração média de 60 minutos para o preenchimento de todos os questionários, considerando o *rapport* da pesquisadora acerca do preenchimento.

## **Procedimentos para análise de dados**

Os dados obtidos a partir das variáveis foram analisados através de estatísticas realizadas pelo Statistical Package for Social Sciences - SPSS, versão 22.0. A análise descritiva apresenta frequências, porcentagens, médias e desvio-padrão. Através do teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade da distribuição foi constatado que nenhuma variável do estudo obedece a curva normal ( $p < 0,05$ ), optando-se então pela utilização de testes não paramétricos. Desta forma, as associações entre as variáveis foram testadas através da análise de correlação de Spearman. Para realizar as comparações entre os grupos de estilos parentais foi realizado o Teste de Kruskal-Wallis. A comparação entre os gêneros foi realizada através do teste Mann-Whitney. O nível de significância considerado nesta pesquisa foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

## **RESULTADOS**

As Escalas de Responsividade e Exigência foram analisadas a partir da combinação dos itens do pai e da mãe, classificando os estilos parentais em altos ou baixos a partir da mediana, conforme sugerem Teixeira, Bardagi e Gomes (2004).

Assim, a partir das respostas válidas para esse instrumento, foi possível evidenciar que 37,1% ( $n = 72$ ) dos pais e mães da amostra apresentaram o estilo parental negligente. Já 35,1%

(n=68) foram classificados como autoritativos, seguido pelo estilo autoritário 14,4% (n=28) e indulgente 13,4% (n=26). Não houve diferença significativa em relação ao estilo parental e o gênero dos adolescentes ( $p>0,05$ ).

No que se refere ao resultado da Escala Matson de Avaliação de Habilidades Sociais para Jovens (MESSY), considerando o fator Habilidades Sociais/Assertividade, os adolescentes apresentaram, de forma geral, ter as habilidades requisitadas nas situações, com a média de 3,98 (DP= 0,606). Houve diferença significativa na comparação por gênero ( $U=3999,5$ ;  $p=0,03$ ), sendo que as meninas apresentaram média mais alta do que os meninos para o fator Habilidades Sociais/Assertividade, com médias de 108,72 e 90,49, respectivamente.

Com relação aos resultados do YSR, os adolescentes, no geral, apresentaram mais sintomas internalizantes ( $M=22,71$ ) do que externalizantes ( $M=16,83$ ). No que diz respeito aos sintomas internalizantes, 77,2% dos adolescentes encontram-se na faixa não clínica, já 22,8% encontram-se na faixa clínica ou limítrofe. Referente aos sintomas externalizantes, 76,7% da amostra encontra-se na faixa não-clínica, enquanto 23,3% está situada na faixa clínica ou limítrofe. Ao serem comparados pelo gênero, as meninas ( $M=115,06$ ) apresentaram médias significativamente mais altas do que os meninos ( $M= 80,83$ ) para os sintomas internalizantes ( $U=3226,00$ ;  $p<0,001$ ). Não houve diferença significativa na comparação dos gêneros para os sintomas externalizantes ( $p>0,05$ ).

As correlações entre os estilos parentais, as habilidades sociais e os sintomas internalizantes e externalizantes podem ser verificadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Correlações entre as dimensões do estudo

	Habilidades Sociais/ Assertividade	Exigência Mae	Exigência pai	Responsividade Mae	Responsividade pai
Habilidades Sociais/ Assertividade	1,000	,183**	,032	,189**	,084
Retraimento	-,093	-,136	-,184*	-,200**	-,248**
Somático	,133	-,160*	-,141*	-,110	-,197**
Ansiedade/Depressão	,112	-,160*	-,185**	-,220**	-,273**
Problemas Sociais	-,120	-,073	-,044	-,123	-,112
Problemas de Pensamento	,007	-,138	-,082	-,145*	-,162*

Atenção	-,003	-,210**	-,081	-,256**	-,168*
Delinvente	-,111	-,329**	-,235**	-,221**	-,190**
Agressivo	,031	-,246**	-,110	-,170*	-,110
Sintomas					
Internalizantes	,076	-,192**	-,213**	-,223**	-,299**
Sintomas					
Externalizantes	-,001	-,303**	-,163*	-,212**	-,149*

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A partir dos dados apresentados, nota-se que não houve correlação entre as habilidades sociais e os sintomas internalizantes e externalizantes, mas as mesmas correlacionaram-se positivamente com a exigência e responsividade da mãe. Ainda, observam-se correlações negativas entre a exigência e responsividade da mãe e do pai, com os sintomas internalizantes e externalizantes, indicando que quanto menores foram os níveis de exigência e responsividade percebidos, mais sintomas os adolescentes apresentaram.

A Tabela 3 apresenta a comparação entre os grupos de estilos parentais com as habilidades sociais/assertividade e sintomas internalizantes e externalizantes apresentados pelos adolescentes:

Tabela 3 - Comparação entre os grupos de estilos parentais no que se refere à habilidades sociais e sintomas internalizantes e externalizantes apresentados pelos adolescentes.

Variável	Estilo Parental	N*	Média	H	P
Habilidades Sociais/Assertividade	Negligente	72	89,24	11,023	0,012
	Autoritário	28	76,39		
	Indulgente	26	102,02		
	Autoritativo	68	113,21		
Retraimento/Depressão	Negligente	72	115,08	12,682	0,005
	Autoritário	28	94,61		
	Indulgente	26	92,50		
	Autoritativo	68	81,99		
Queixas Somáticas	Negligente	72	108,06	10,154	0,017
	Autoritário	28	101,02		
	Indulgente	26	109,1		
	Autoritativo	68	80,43		
Ansiedade/Depressão	Negligente	72	108,64	14,985	0,002
	Autoritário	28	113,66		
	Indulgente	26	103,98		
Problemas de	Autoritativo	68	76,57	3,402	0,334
	Negligente	72	102,72		

Sociabilidade	Autoritário	28	105,64		
	Indulgente	26	100,00		
	Autoritativo	68	87,66		
	Negligente	72	102,82		
Problemas com o Pensamento	Autoritário	28	106,29	5,538	0,136
	Indulgente	26	106,52		
	Autoritativo	68	84,80		
	Negligente	72	107,65		
Problema de Atenção	Autoritário	28	98,96	5,370	0,147
	Indulgente	26	98,38		
	Autoritativo	68	85,82		
	Negligente	72	113,38		
Violação de Regras	Autoritário	28	94,02	12,358	0,006
	Indulgente	26	101,37		
	Autoritativo	68	80,64		
	Negligente	72	102,39		
Comportamento Agressivo	Autoritário	28	100,36	5,551	0,136
	Indulgente	26	112,29		
	Autoritativo	68	85,49		
	Negligente	72	112,38		
Sintomas Internalizantes	Autoritário	28	107,04	17,774	0,000
	Indulgente	26	105,90		
	Autoritativo	68	74,60		
	Negligente	72	107,05		
Sintomas Externalizantes	Autoritário	28	98,34	8,278	0,041
	Indulgente	26	109,73		
	Autoritativo	68	82,37		

\* O valor de N foi calculado com base no número de questões válidas respondidas pelos adolescentes.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados apontam para uma diferença significativa existente entre os diferentes grupos de estilos parentais com as Habilidades Sociais/Assertividade, assim como com algumas das oito escalas-síndrome do YSR, como a Ansiedade/Depressão, a Violação de Regras e os Sintomas Internalizantes e Externalizantes. Desta forma, evidencia-se que os pais classificados como negligentes, por exemplo, possuem filhos com alto índice de Retraimento/Depressão, Queixas Somáticas, Ansiedade/Depressão, Violação de Regras, Sintomas Internalizantes e Externalizantes. Tal resultado é diferente para os filhos de pais autoritativos, que apresentaram os menores índices nas escalas-síndrome.

## DISCUSSÃO

Pode-se evidenciar que houve correlação significativa entre os estilos parentais, com as habilidades sociais e os sintomas internalizantes e externalizantes, o que é corroborado por estudos prévios, como os de Heinen *et al.* (2025), Rovaris e Bolsoni-Silva (2020) e Candeias (2013), ao afirmarem que a forma como os pais se envolvem no cuidado dos filhos e se comunicam com os mesmos se relaciona com o repertório de habilidades sociais, assim como com a manifestação de sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos. Assim, os estilos parentais estão diretamente ligados aos problemas comportamentais. Não foi encontrada associação entre as Habilidades Sociais/Assertividade com os sintomas internalizantes e externalizantes, o que pode ser explicado ao analisar os itens da MESSY referentes ao fator Habilidades Sociais/Assertividade, pois se referem à conduta dos adolescentes que pode estar presente independente de apresentarem sintomas internalizantes ou externalizantes. Como exemplo, considera-se os itens 12. “Eu ajudo um amigo quando ele está machucado ou chateado” e 24. “Eu digo "muito obrigado" e me sinto feliz quando alguém faz um favor para mim”. Tais comportamentos podem ocorrer mesmo na presença de algum sintoma internalizante (ex: retraimento) ou externalizante (ex: violação de regras). Assim, ter habilidades sociais não é uma garantia para que o adolescente não apresente algum sintoma internalizante ou externalizante, refutando a hipótese de que poderia haver correlação negativa entre ambos. Em estudo prévio, realizado por Bolsoni-Silva *et al.* (2023) os sintomas internalizantes também não se relacionaram com as habilidades sociais.

Em geral, os adolescentes pesquisados apresentaram um bom nível de Habilidades Sociais/Assertividade, o que está em consonância com os resultados obtidos por Gomes Neto (2012) para o mesmo fator, considerando que o autor teve o mesmo público-alvo, em que encontrou uma média de 4,0, semelhante a do presente estudo (3,98), indicando que os adolescentes apresentam boa capacidade de relacionarem-se socialmente. Este fator correlacionou-se positivamente com a responsividade e exigência da mãe, como também com a responsividade combinada da mãe e do pai. Esse mesmo padrão foi encontrado no primeiro estudo de validação das Escalas de Responsividade e Exigência para o Brasil, em que as mães, mais do que os pais, foram percebidas como mais presentes no que se refere às práticas

educativas dos filhos, sugerindo, também, que os pais são menos envolvidos afetivamente. (Costa; Teixeira; Gomes, 2000). Falcke, Rosa e Steigleder (2012) e Ambrós et al (2023) indicam a necessidade do acompanhamento de ambos os pais e sua importância para promoção de saúde no ambiente familiar, assim como o envolvimento dos cuidadores que pode propiciar competência social e assertividade. Neste caso, mesmo que o envolvimento maior tenha sido das mães, este esteve relacionado às Habilidades Sociais/Assertividade por parte dos adolescentes.

No que diz respeito ao gênero, as meninas apresentaram uma média maior do que os meninos no fator habilidades sociais/assertividade, o que corrobora a resultados de outros estudos (Gomes Neto, 2012; Rovaris; Bolsoni-Silva, 2020). Esse resultado também foi encontrado em um estudo de Leme, Del Prette, Z. e Coimbra (2013) que utilizou o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHS-A) com adolescentes entre 13 e 17 anos, indicando que, relacionado às Habilidades Sociais, as meninas apresentaram maior nível de empatia do que os meninos. Possivelmente isso ocorra devido ao padrão com que a sociedade educa as crianças, que, segundo Del Prette. Z. e Del Prette, A. (2005), está relacionado ao sexo, mais do que com componentes genéticos. Tal diferença na educação de meninos e meninas, tão arraigada em nossa sociedade, pode refletir na maior exigência de que as meninas sejam mais habilidosas socialmente, reflexo de uma construção estereotipada do gênero feminino (Campos; Tilio, 2018).

Ainda em relação ao gênero, as meninas apresentaram índice mais elevado de sintomas internalizantes quando comparadas aos meninos, resultado que também se apresentou em outros estudos como os de Valverde *et al.* (2012), Santos *et al.* (2019) e na revisão de literatura realizada por Hess e Falcke (2013), apontando para esse índice em países em desenvolvimento. Um estudo longitudinal com adolescentes dos Estados Unidos, realizado por Leve, Kim e Pears (2005), verificou que o aumento dos sintomas internalizantes nas meninas esteve relacionado à depressão materna e à baixa renda familiar. A pesquisa de Valverde *et al.* (2012) apontou para fatores biológicos e sociais, em que as meninas se deparam com as diferenças de gênero ao ingressarem na adolescência e menos oportunidades para se desenvolverem, o que pode dar abertura para os sintomas internalizantes como a depressão. Além disso, os adolescentes do presente estudo, em geral, apresentaram maior

índice de sintoma internalizante, que, de acordo com outras investigações, está associado ao medo/timidez e depressão maternas (Leve; Kim; Pears, 2005; Loosli; Pizeta; Loureiro, 2016; Santos *et al.*, 2019; Bolsoni-Silva; Loureiro, 2019). Com isso, percebe-se a importância de que estudos deste espectro possam ser realizados no contexto brasileiro, visando à prevenção de tais sintomas nos adolescentes.

Tanto os sintomas internalizantes, quanto os externalizantes, foram correlacionados negativamente com a exigência e responsividade de ambos os pais/cuidadores. Tal resultado corrobora outros achados de que, por exemplo, as práticas indutivas tanto dos pais quanto das mães estão correlacionadas negativamente com problemas de comportamento dos filhos, assim como a responsividade e a exigência também estão correlacionadas negativamente com a passividade dos filhos (Marin *et al.*, 2012; Weber; Brandenburg; Viezzer, 2003). Esses dados indicam, portanto, a importância de que a responsividade e exigência dos pais/cuidadores seja consistente para que possam propiciar aos filhos um desenvolvimento saudável.

Considerando os estilos parentais, as Escalas de Responsividade e Exigência, a partir da combinação do estilo da mãe e do pai, apresentaram que a maioria dos cuidadores, na perspectiva dos adolescentes, são negligentes (37,1%), ou seja, apresentam baixa exigência e baixa responsividade. Esse resultado também foi encontrado em outros estudos realizados com estudantes de escolas públicas e privadas, em que a maior parte da amostra apresentou o estilo negligente, ambos seguidos do estilo autoritativo como o segundo mais frequente. (Bardagi, 2002; Weber; Brandenburg; Viezzer, 2003). Percebe-se que o estilo se mantém prevalente ao longo do tempo, tendo repercussões no desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que pais negligentes, segundo Reppold et al. (2002) pouco se envolvem na criação dos filhos, não servindo de modelo para socialização dos mesmos, além de não proverem suas necessidades e demonstração de afeto. Tal afirmação pode ser confirmada ao observar os resultados dos filhos de pais negligentes no que diz respeito às Habilidades Sociais/Assertividade, com uma média inferior aos filhos de pais autoritativos, por exemplo. Os mesmos também são os que mais apresentam sintomas internalizantes, o que pode ser justificado pela falta de suporte familiar, uma vez que este, assim como o clima

familiar, estão relacionados com o baixo índice de sintomas internalizantes (Hess; Falcke, 2013; Leusin; Petrucci; Borsa, 2018)

Chamam atenção os resultados dos filhos de pais autoritários, que apresentaram o repertório de habilidades sociais/assertividade mais baixo da amostra, juntamente com a média mais elevada no fator ansiedade/depressão. Darling (1999) já trazia em seus estudos que filhos de pais autoritários não possuem um repertório elaborado de habilidades sociais, como também apresentam níveis mais elevados de depressão e baixa autoestima. Reppold et al. (2002) explicam que os pais autoritários propiciam uma relação hierárquica, com falta de diálogo, em que os filhos não desenvolvem a capacidade de se autorregular, não tendo sua autonomia favorecida, uma vez que devem estabelecer uma relação conformista, com base nas regras definidas.

Relacionado à boa autoestima e desenvolvimento de autonomia, Steinberg *et al.* (1994), afirmam que esses são fatores que podem ser propiciados por pais indulgentes. Na presente pesquisa, os filhos de pais indulgentes apresentaram a segunda maior média no fator habilidades sociais/assertividade. Ainda assim, os mesmos autores reiteram que, apesar dessas características positivas, esses filhos podem apresentar problemas de externalização, assim como demonstram os dados da presente amostra, em que a média dos filhos de pais indulgentes para sintomas externalizantes é a maior do que a dos outros três estilos. Os autores ainda explicam que isso se deve ao fato de que pais indulgentes, apesar de serem responsivos, apresentam baixo nível de controle, não proporcionando aos filhos modelos de comportamentos assertivos (Steinberg *et al.*, 1994)

Assim, ainda conforme Reppold et al. (2002), o estilo parental autoritativo é o que esteve relacionado a níveis mais baixos de problemas comportamentais, como também de sintomas psicológicos e somáticos, o que foi corroborado pelos achados deste estudo, uma vez que os adolescentes filhos de pais autoritativos apresentaram níveis mais altos de Habilidades Sociais/Assertividade e os menores índices para todos os outros fatores relacionados a problemas comportamentais. Na pesquisa de Cia, Pamplin e Del Prette, Z. (2006) a participação das mães nas atividades diárias dos filhos, assim como a comunicação de ambos os pais, correlacionou-se positivamente com as habilidades sociais apresentadas pelos filhos. Desta forma, entende-se que o contexto familiar propicia a base inicial para a aquisição de

comportamentos sociais, sendo que os pais servem de modelo para tais comportamentos. (Del Prette; Z., Del Prette, A., 2005; Pires *et al.*, 2019). Tal resultado parece ser elucidativo do fato de que a responsividade prediz o bom funcionamento psicossocial, bem como a competência social, enquanto que a exigência é responsável pelo controle comportamental (desempenho escolar, comportamentos desviantes, etc.) (Darling, 1999). Daí a importância de que se possa encontrar o equilíbrio entre a responsividade e a exigência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa confirmou a hipótese inicial de que os estilos parentais se associam às habilidades sociais e aos sintomas internalizantes e externalizantes, mostrando que os mesmos se diferenciaram conforme os estilos parentais que os adolescentes identificavam em seus pais/cuidadores. Além disso, apresentou que ter habilidades sociais mostrou-se independente dos níveis de sintomas internalizantes ou externalizantes, refutando a hipótese de que poderia haver uma correlação negativa. Estes dados tornam-se relevantes para novas investigações, visto que a relação entre as habilidades sociais e os sintomas dos filhos pode estar intermediada por outros fatores, como as estratégias de enfrentamento desenvolvidas e recursos de regulação emocional frente às experiências de cuidado.

De modo geral, a relação entre as variáveis do estudo reforçam achados de estudos prévios, mas também ampliam questões acerca das potencialidades do trabalho de orientação parental, uma vez que esse fator repercute no comportamento dos filhos. Para tanto, como fruto dos resultados apresentados neste trabalho, elaborou-se uma cartilha informativa aos pais e cuidadores. O objetivo foi de conscientizá-los acerca de suas ações e os respectivos prejuízos ou benefícios aos filhos. Tal cartilha foi entregue em um grupo de pais de uma comunidade localizada em Esteio/RS, como também nas escolas em que a pesquisa foi realizada.

Essa cartilha é apenas uma pequena informação destinada a esses pais, mas sabe-se que esse deve ser um trabalho maior, pois entende-se a necessidade de que eles tenham um espaço de escuta e aprendizagem a respeito dos comportamentos dos filhos e de suas atitudes com relação a eles. Por isso, ressalta-se a importância de capacitar os pais na promoção de

comportamentos mais adaptativos dos filhos, uma vez que os programas voltados para pais geram resultados positivos em diferentes aspectos, tais como as práticas educativas saudáveis e habilidades socioeducativas por parte dos pais (Tozze; Bolsoni-Silva, 2017; Pinheiro; Silveira; Haase, 2020).

Como limitações deste estudo, destaca-se o fato de terem sido acessados somente adolescentes de duas escolas de um município da região metropolitana de Porto Alegre/RS, demandando futuros estudos que abranjam uma maior população de adolescentes em nível regional e nacional, considerando diferentes categorias sociais. Contudo, entende-se que os dados são relevantes para destacar a importância que os pais exercem na etapa da adolescência dos filhos, quando mudam as formas de cuidado, mas ainda há necessidade de que responsividade e exigência estejam presentes, caracterizando um estilo parental autoritativo.

## REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. M.; EDELBROCK, C. S. The child behavior profile: II. boys aged 12-16 and girls aged 6- 11 and 12-16. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, [S.l.], v. 47, n. 2, p. 223-233, 1979. Documento em PDF.

ACHENBACH, T.; HOWELL, C. T. Are american children's problems getting worse? A 13-year comparison. **Journal of American Academy on Child and Adolescent Psychiatry**, v. 32, n. 6, p. 1145-1154, 1993. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0890856709645123>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ACHENBACH, T. M. ; RESCORLA, L. **Manual para formulários e perfis em idade escolar da ASEBA: Um sistema integrado de avaliação de informantes** . Burlington, VT: Aseba, 2001.

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 314-323, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000200018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000200018&script=sci_arttext). Acesso em: 06 ago. 2017.

AMBRÓS, Tatiane Medianeira Bacinn et al. Relação parental, habilidades sociais de pais e crianças: Revisão integrativa da literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 24, n. 2, p. 96-109, 2023. Disponível em: <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/84>. Acesso em: 7 out. 2025.

BARDAGI, M. P. **Os estilos parentais e sua relação com indecisão profissionais, ansiedade de depressão dos filhos adolescentes**. 2002, 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2147>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, v. 37, p. 887-907, 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1126611>. Acesso em: 30 ago. 2017.

BINSFELD, A. R. **Relações familiares e sintomas internalizantes em adolescentes: um estudo longitudinal**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/AdrianaBinsfeldPsicologia.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BOLSONI-SILVA, A. T.; PAIVA, M. M.; BARBOSA, C. G. Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. **Psicologia Clínica, Rio de Janeiro: PUCRS**, v. 21, n. 1, p. 169-184, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000100012&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000100012&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 06 ago. 2017.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Práticas parentais: conjugalidade, depressão materna, comportamento das crianças e variáveis demográficas. **Psico USF**, p. 69-83, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v24n1/2175-3563-pusf-24-01-69.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini et al. Problemas de comportamento, habilidades sociais, abuso de substâncias e práticas educativas em adolescentes. **Psico**, p. e40247-e40247, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.2.40247>. Acesso em: 7 out. 2025.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 12 fev. 2018.

CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

CABALLO, V. E. **Teoría, evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales**. Valencia: Promolibro, 1987.

CABALLO, V. E. Una aportación española a los aspectos moleculares, a la evaluación y al entrenamiento de las habilidades sociales. **Revista Mexicana de Psicología**, v. 12, n. 2, p. 121-131, 1995. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259528333\\_Una\\_aportacion\\_espanola\\_a\\_los\\_aspectos\\_moleculares\\_a\\_la\\_evaluacion\\_y\\_al\\_entrenamiento\\_de\\_las\\_habilidades\\_sociales\\_A\\_Spanish\\_contribution\\_to\\_the\\_molecular\\_components\\_the\\_assessment\\_and\\_training\\_of\\_soci](https://www.researchgate.net/publication/259528333_Una_aportacion_espanola_a_los_aspectos_moleculares_a_la_evaluacion_y_al_entrenamiento_de_las_habilidades_sociales_A_Spanish_contribution_to_the_molecular_components_the_assessment_and_training_of_soci). Acesso em: 19 nov. 2017.

CAMPOS, M. T. A.; TILIO, R. 'Universo feminino e masculino': análise do discurso parental sobre meninos e meninas. **Cadernos De Estudos Lingüísticos**, v. 60, n. 3, p. 828-846, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8651535/18547>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CANDEIAS, M. J. C. **Relação entre os estilos parentais e os problemas de comportamento nas crianças: efeito moderador do clima escolar**. 2013, 89 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7516>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CARVALHO, M. A. D. **Vinculação, temperamento e processamento da informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência**. 2007. 303 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, [S.l.], 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8410>. Acesso em: 19 fev. 2018.

CIA, F.; PAMPLIN, R. C. O.; DEL PRETTE, Z. A. P. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto**, v. 16, n. 35, p. 395-406, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000300010&script=sci_arttext). Acesso em: 01 set. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS) **Resolução nº 510/2016: Diretrizes éticas Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

COSTA, F. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, p. 465-473, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300014&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300014&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 16 ago. 2017.

COSTA, M. B. H. **Práticas parentais, funcionamento familiar e comportamento dos adolescentes**. 2011, f. 74. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1705>. Acesso em: 01 set. 2017.

DARLING, N.. Parenting style and its correlates. ERIC/EECE Publications - Digests, [S.l.], 1999. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED427896>. Acesso em: 23 jul. 2018.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: Terapia e Educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FALCKE, D.; ROSA, L. W.; STEIGLEDER, V. A. T. Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 282-293, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202012000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202012000200008). Acesso em: 13 set. 2018.

FALCONE, E. O. Contribuições para o treinamento de habilidades de interação. In: GUILHARDI, H. J. et al. (Org). **Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento**. Santo André: ESETEC, 2002. p. 91-104.

FOGAÇA, F. F. S. et al. O Desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 21, n. 2, p. 217-231, 2019. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/1162/668>. Acesso em: 09 abr. 2020.

GOMES NETO, R. **As relações sociais entre os jovens do ensino médio: um olhar através das habilidades sociais**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251224>. Acesso em: 16 ago. 2017.

GOMIDE, P. I. C. et al. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico-USF (Impr.), Itatiba**, v. 10, n. 2, p. 169-178, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712005000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712005000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 01 set. 2017.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais - IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. 2. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

HANKIN, B. L. et al. Cognitive and interpersonal vulnerabilities to adolescent depression: Classification of risk profiles for a personalized prevention approach. **Journal of abnormal child psychology**, v. 46, n. 7, p. 1521-1533, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10802-018-0401-2>. Acesso em: 12 abr. 2020.

HEINEN, Marina Marina et al. Repercussões de Sintomas, Práticas e Estilos Parentais nos Sintomas Emocionais e Comportamentais dos Filhos. **Revista Psicologia e Saúde**, p.

e17092028-e17092028, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v1i1.2028>. Acesso em: 7 out. 2025.

HESS, A. R. B.; FALCKE, D. Sintomas internalizantes na adolescência e as relações familiares: uma revisão sistemática da literatura. **Psico-USP**, Itatiba, v. 18, n. 2, p. 263-276, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712013000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712013000200010&script=sci_arttext). Acesso em: 15 jul. 2018.

LADD, G. W.; MIZE, J. A cognitive-social learning model of social-skill training. **Psychological review**, v. 90, n. 2, p. 127, 1983. Documento em PDF.

LEUSIN, J. F.; PETRUCCI, G. W.; BORSA, J. C. Family climate and the emotional and behavioral problems in childhood. **Revista da SPAGESP**, v. 19, n. 1, p. 49-61, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v19n1/v19n1a05.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LAMBORN, S. D. et al. Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. **Child Development**, [S.l.], v. 62, p. 1049-1065, 1991. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x>. Acesso em: 27 set. 2017.

LIBET, J. M.; LEWINSOHN, P. M. Concept of social skill with special reference to the behavior of depressed persons. **Journal of Consulting and clinical psychology**, v. 40, n. 2, p. 304, 1973. Documento em PDF.

LEME, V. B.R.; DEL PRETTE, Z. A. P.; COIMBRA, S. Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. **PSICO**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 560-570, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631458>. Acesso em: 25 ago. 2017.

LEVE, L. D.; KIM, H.; PEARS, K. C. Childhood Temperament and Family Environment as Predictors of Internalizing and Externalizing Trajectories from Age 5 to Age 17. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 33, n.5, p. 505-520, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1468033/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LOOSLI, L.; PIZETA, F. A.; LOUREIRO, S. R. Escolares que convivem com a depressão materna recorrente: diferenças entre os sexos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 1-10, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000300202&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000300202&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 13 abr. 2020.

MAIA, Fatima Almeida; SOARES, Adriana Benevides; MONTEIRO, Marcia. Estudo longitudinal sobre as relações entre práticas parentais, habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, **Revista de Estudios e Investigación en**

**Psicología y Educación**, v. 9, n. 2, p. 285-300, 2022. Doi:  
<https://doi.org/10.17979/reipe.2022.9.2.9297>. Acesso em: 7 out. 2025.

MARIN, Â. H. et al. Práticas educativas parentais, problemas de comportamento e competência social de crianças em idade pré-escolar. **Estudos de Psicologia, Natal**, v. 17, n. 1, p. 5-13, 2012. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2012000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000100002). Acesso em: 06 set. 2017.

MARTINS, Laysa Roberta; DA SILVA, Geisa Gabriela Carneiro. A Influência Dos Estilos Parentais No Desenvolvimento Da Personalidade: Revisão Integrativa. **Revista Foco**, v. 18, n. 4, p. e8355-e8355, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n4-133>. Acesso em: 7 out. 2025.

MATSON, J. L.; ROTATORI, A. F.; HELSEL, W. J. Development of a rating scale to measure social skills in children: The Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters (MESSY). **Behavior Research and Therapy**, [S.l.], v. 21, n. 4, p. 335-340, 1983. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0005796783900013>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MELO, M. H. S.; SILVARES, E. F. M. Grupo cognitivo-comportamental com famílias de crianças com déficits em habilidades sociais e acadêmicas. **Temas psicologia, Ribeirão Preto**, v. 11, n. 2, p. 122-133, 2003. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2003000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000200006). Acesso em: 17 jul. 2018.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. de. et al. Estresse, competência e problemas psicológicos de adolescentes estudantes. **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 23-29, 2012. Disponível em: <https://portalnepas.org.br/abcs/article/view/45>. Acesso em: 07 dez. 2017.

PACHECO, J. T. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 117-126, 1999. Documento em PDF.

PINHEIRO, M. I. S.; SILVEIRA, M.; HAASE, V. G. Treinamento de pais. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. (Org.). **Psicologia da Família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2020. p. 234-248.

PINHEIRO, M. R. S. **Estilos parentais e personalidade em adolescentes e jovens adultos: a psicopatologia e desenvolvimento de comportamentos de bullying**. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2017. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/handle/10348/7668>. Acesso em: 01 set. 2017.

PIRES, M. F. D. N. et al. A influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança: Uma revisão de literatura. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 22, n. 2, Jul-Dez, p. 282-309, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/5134/4103>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

REPPOLD, C. T. et al. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In: HUTZ, C. S. (Org). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégia de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 7-52.

RIBEIRO, Vitória; FERRAZ, Thais. Parentalidade: estilos parentais e sofrimento socioemocional. **Cadernos de Psicologia**, v. 4, n. 8, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13375642>. Acesso em: 7 out. 2025.

ROCHA, M. M. **Evidências de validade do inventário de autoavaliação para adolescentes (ysr/2001) para a população brasileira**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-12062012-153735/pt-br.php> . Acesso em: 3 set. 2017.

ROVARIS, J. A.; BOLSONI-SILVA, A. T. Práticas educativas maternas e repertórios comportamentais infantis: um estudo de comparação e predição. **Revista de Psicologia**, v. 38, n. 1, p. 243-273, 2020. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/psicologia/article/view/21585/21218>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, E. B.; WACHELKE, J. Relações entre habilidades sociais de pais e comportamento dos filhos: uma revisão da literatura. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: [http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/2964/2089](http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2964/2089). Acesso em: 12 abr. 2020.

SANTOS, T. G. S. et al. O bem-estar e a saúde mental dos adolescentes portugueses. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 10, n. 1, p. 17-27, 2019. Disponível em: <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2626/2839>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS, Dyenifer dos et al. Estilos e práticas educativas parentais, bullying e ideação suicida: estudo com adolescentes. **Vínculo**, v. 22, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v22na2>. Acesso em: 7 out. 2025.

SOUSA, H. T. P.; LÖHR-TACLA, T. Relação entre práticas parentais e habilidades sociais de crianças do Ensino Fundamental de escola pública. **Psicologia Argumento**, Paraná, v. 33, n. 80, p. 255-269, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19869>. Acesso em: 09 set. 2017.

STEINBERG, L. et al. Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. **Child Development**, v. 65, n.3, p. 754–77, 1994. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1994-40691-001>. Acesso em: 14 abr. 2020.

TEIXEIRA, M. A. P.; BARDAGI, M. P.; GOMES, W. B. Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. **Avaliação psicológica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 01-12, 2004. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115876>. Acesso em: 16 ago. 2017.

TEODORO, M. L. M. et al. Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. **Psico, Porto Alegre: PUCRS**, v. 45, n. 2, p. 168-175, 2014.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5633333>. Acesso em: 06 set. 2017.

TEODORO, M. L. M. et al. The Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters (MESSY) and its adaptation for brazilian children and adolescents. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 239-246, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28439207.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

TEODORO, M. L. M.; BAPTISTA, M. N. **Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção**. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2020.

TOZZE, K. F.; BOLSONI-SILVA, A. T. Intervenção em grupo com pais de adolescentes com problemas de comportamento internalizantes. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 19, n. 4, p. 6-24, 2017. Disponível em:

<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/1091/541>. Acesso em: 09 abr. 2020.

VALVERDE, B. S. C. L. et al. Levantamento de problemas comportamentais/emocionais em um ambulatório para adolescentes. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 53, p. 315-323, 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.usp.br/paideia/article/view/53086/57149>. Acesso em: 12 out. 2018.

WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; VIEZZER, A. P. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 8, n. 1, p. 71-79, 2003.

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712003000100010&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712003000100010&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em 23 jul 2018.

